

Originais recebidos em 19/09/2023. Aceito para publicação em 24/01/2024.

Avaliado pelo sistema double blind peer review. Publicado conforme normas da ABNT.

Open access free available online.

DOI: <http://dx.doi.org/10.35700/2359-0599.2024.18.3642>

# Encontro de saberes: o popular e o acadêmico em vídeos jornalísticos de jovens agricultores

Rodrigo Ratier - <https://orcid.org/0000-0001-9733-7563><sup>1</sup>

## RESUMO

O artigo descreve e analisa uma experiência de educação não-formal envolvendo jovens jornalistas recém-formados e jovens agricultores de sindicatos filiados à Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura). Em uma série de oficinas nas cinco regiões do país, a proposta de criar vídeos curtos sobre o cotidiano do trabalho no campo teve como norte a perspectiva decolonial. Propôs-se o diálogo do jornalismo de referência profissional, representado pela equipe formadora, e a comunicação popular, da base dos trabalhadores sindicalizados. O texto aponta as características mais relevantes do processo e das produções resultantes. Sinaliza-se o caráter central da construção de uma metodologia dialógica para que se criem condições para o protagonismo autoral dos educandos e do encontro dos saberes eruditos e populares.

**Palavras-chave:** Extensão universitária; jornalismo decolonial; jornalismo sindical; comunicação popular.

---

<sup>1</sup> Professor doutor do departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) na Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP). Pesquisador do grupo de pesquisa COM+, vinculado ao CJE-ECA-USP. Colunista de educação no UOL.

# Meeting of knowledge: the popular and the academic in journalistic videos of young farmer workers

## ABSTRACT

The article describes and analyzes an experience of non-formal education involving recently graduated young journalists and young farmers from unions affiliated to Contag (Brazilian National Confederation of Agricultural Workers). In a series of workshops in the five geographical regions of the country, the proposal to create short videos about the work routines in the countryside was guided by the decolonial perspective. It was proposed a dialogue between professional reference journalism, represented by the training team, and popular communication, from the base of unionized workers. The text points out the most relevant characteristics of the process and the resulting productions. The central character of the construction of a dialogic methodology is highlighted in order to create conditions for the authorial protagonism of the students and the meeting of erudite and popular knowledge.

**Keywords:** College extension; decolonial journalism; union journalism; popular communication.

## 1 INTRODUÇÃO

A experiência aqui relatada se insere no paradigma do jornalismo decolonial. Pretende atuar na confluência de conhecimentos eruditos e populares. De um lado, o saber acadêmico da teoria jornalística, codificada em conceitos, processos e procedimentos ao longo de mais de um século. De outro, o “saber de experiência feito” (FREIRE, 2001), o conhecimento advindo da experiência social cotidiana, considerada como fonte legítima de diálogo com o saber científico para que desse encontro surja o novo – que situamos no terreno da comunicação popular (Amaral, 2006).

Trata-se de estabelecer diálogos com grupos e territórios desde uma perspectiva não colonizadora, visando a construção de ações criativas com as

comunidades por meio de uma gestão de processos essencialmente participativa, democrática e dialógica. Nesse sentido, Lima (2022) afirma que a ampliação do entendimento do conceito de jornalismo pelo prisma de uma epistemologia decolonial não significa recusar o pensamento iluminista ocidental, mas de ultrapassá-lo enquanto eixo hegemônico. Na perspectiva decolonial, conforme a autora, a diversidade de saberes se impõe “a partir de olhares mais plurais, que contemplem aspectos e grupos sociais historicamente marginalizados pelo paradigma moderno-capitalista” (Lima, 2022, p. 78–79).

Concretamente, descreve-se a parceria entre uma ONG, a Repórter Brasil, e uma entidade sindical, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag). O objetivo foi a capacitação de jovens agricultores para a produção de vídeos curtos, com vistas à divulgação das atividades sindicais e do campo nas redes sociais da Confederação, das Federações e Sindicatos a ela filiados. O programa foi desenvolvido ao longo do segundo semestre de 2022 e primeiro semestre de 2023. Compôs-se de um encontro online e de cinco encontros presenciais em nível regional, os Festivais Regionais da Juventude Rural da Contag. Objetivou, em termos práticos, a preparação de uma equipe de jovens comunicadores para a cobertura do Festival Nacional da Juventude, a ser realizado entre 25 e 27 de abril de 2023 em Brasília (DF), com mais de 5 mil participantes.

As atividades aqui relatadas se inserem em um projeto mais amplo de formação para a comunicação, resultante da parceria Repórter Brasil-Contag. Ao longo de sua trajetória, incluiu, no rol de suas ações, a capacitação para a comunicação de integrantes de movimentos sociais, sindicatos e entidades de classe diversas. Em termos conceituais, a proposta era trabalhar em direção a uma renovação, em forma e conteúdo, da comunicação sindical. Setores de juventude e de comunicação da Contag mencionaram, ao longo de todo o processo, a ambição de uma produção menos oficialista, ainda excessivamente pautada pela cobertura do dia a dia dos dirigentes sindicais.

## 1.1 ANTECEDENTES

A comunicação ocupa lugar estratégico na ação político-sindical desde a criação da entidade, em 1963 (Contag, 2020, p. 4). Os veículos de contato com a base de trabalhadores rurais incluem o periódico "O Trabalhador Rural" (1969, depois renomeado "Jornal da Contag"), o programa de rádio "A Voz da Contag" (1993) e a criação de sites e perfis em redes sociais para a Confederação, federações estaduais e sindicatos locais. Já a Política Nacional de Comunicação (PNC) foi aprovada inicialmente na década de 1990, sendo atualizada no início dos anos 2000, em 2012 e em 2020 – a edição vigente.

O documento destaca a perspectiva da comunicação popular como a opção prioritária como a base sindical. De acordo com a PNC 2020, a comunicação sindical da Contag deve se diferenciar da mídia tradicional por não visar lucro, por ter linguagem adequada à categoria e incluir sua base como fonte representada e como produtora da comunicação. Por fim, define a comunicação popular como

um processo que emerge da ação dos grupos populares, tendo um caráter mobilizador coletivo representado através dos movimentos e organizações populares que se vinculam à luta pela melhoria das condições de existência e em defesa da vida. É uma comunicação de resistência e, por isso, ela se situa no terreno da transformação social e, portanto, da ação política, se colocando como instrumento da luta de classes, na perspectiva da construção de novos valores sociopolíticos, pilares de uma sociedade verdadeiramente democrática. Para além de informar, a comunicação popular tem um papel pedagógico, porque entende que, participando ativamente do fazer comunicativo, os sujeitos envolvidos vão tomando mais consciência da própria realidade, e se percebendo como agentes desse fazer. (Contag, 2020, p. 8).

As diretrizes da PNC explicitam a ambição de dar visibilidade ao protagonismo e às identidades dos sujeitos que compõem a base sindical (Contag, 2020, p. 10). Entre os objetivos do foco em seus associados estão a "desconstrução das narrativas das grandes empresas de comunicação", o "fortalecimento do sentimento de pertencimento" e "dar voz àqueles e àquelas que estão excluídos(as) das grandes mídias" (Contag, 2020, p. 10). As estratégias de ação, por sua vez, incluem a formação de comunicadores e comunicadoras populares, por meio de atividades como as oficinas para qualificação técnica. Os

temas vão de rádio a redes sociais, de design gráfico a Oratória, de *media training* (no caso, a preparação das lideranças sindicais para o contato com os veículos de comunicação) à edição de vídeos.

A capacitação se vale de convênios com instituições do campo da comunicação e da educação. Nos últimos anos, a ONG Repórter Brasil é uma das parceiras mais requisitadas. Fundada em 2001 por jornalistas, cientistas sociais e educadores com o objetivo de "fomentar a reflexão e ação sobre a violação aos direitos fundamentais dos povos e trabalhadores no Brasil", a Repórter Brasil atua em quatro áreas principais: jornalismo, pesquisa, articulação e metodologia educacional. O principal programa de educação é o "Escravo, nem pensar!" (ENP!), de âmbito nacional, voltado à prevenção do trabalho escravo. Formações específicas são realizadas como parte de outros projetos, em geral financiados por entidades e organizações internacionais. A série de formações oferecidas à Contag contou com recursos do sindicato alemão Bildungswerk Bund (DGB) e da Oxfam Brasil.

A iniciativa se encontra alinhada à versão mais atual da Política Nacional de Comunicação da Contag, construída a partir do 12º Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CNTTR), finalizada em novembro de 2020. Em sua apresentação, o documento define como uma das razões para a atualização a necessidade de "estabelecer ações estratégicas de comunicação que cheguem e dialoguem, efetivamente, com os interesses e necessidades dos sujeitos (homens e mulheres) que formam a agricultura familiar" (Contag, 2020, p. 4).

Decidiu-se, assim, pela formação para vídeos curtos, entre 1 e 3 minutos, em que se buscasse uma ampliação do leque de possíveis temas e formatos. O desenho do programa desenvolvido entre 2022 e 2023 se nutriu da experiência pregressa dos anos 2019–2021. Até então, oficinas presenciais e virtuais se davam sobretudo no modelo de palestra, com a apresentação conceitual por parte de especialistas em temas variados — em geral, professores universitários e jornalistas profissionais de referência —, escassa articulação entre teoria e prática e limitado protagonismo para os educandos.

Partiu-se dessa constatação crítica nas reuniões preparatórias entre as equipes da Repórter Brasil e da Contag para o desenho da nova etapa do projeto. Ficou decidido que era preciso uma viragem metodológica e uma transformação epistemológica quanto aos objetivos da capacitação em comunicação: o “novo” que surgiria daquela etapa de formação deveria ser um encontro de saberes, não a imposição extensionista, do jornalismo dito profissional sobre o saber popular. Em termos de metodologia educacional, buscou-se uma aproximação em linha com a defesa realizada por Lima (2022), para quem

a decolonialidade instiga também a superação de certa 'arrogância' impregnada na própria prática jornalística — fundamentada no pensamento ocidental-moderno — e no olhar que ela evoca, que separa o mundo em sujeitos e objetos, estabelecendo uma relação assimétrica da qual subjaz as figuras que podem falar e pensar e aquelas de quem se fala ou sobre quem se pensa. Elucidar essas assimetrias, estabelecidas através do projeto colonial, é importante tarefa para que se possa conjurar outros mundos simbólicos possíveis, entre eles o jornalismo (Lima, 2022, p. 84–85).

## 2 DESENVOLVIMENTO

O programa de capacitação de jovens agricultores para a produção de vídeos curtos se iniciou com uma reunião entre as equipes da Repórter Brasil e da Contag. Do lado da ONG, o coordenador da formação — o pesquisador que apresenta este texto, jornalista com 24 anos de experiência e professor do curso de jornalismo da Universidade de São Paulo (USP), e o secretário-executivo da entidade, responsável pela validação da proposta pedagógica e pelas condições infraestruturais (apoio logístico e financiamento) para a realização da atualidade. Do lado da Confederação, quatro pessoas representando as Coordenações de Juventude e de Comunicação.

Após uma breve avaliação das atividades pregressas, da qual resultaram as críticas apresentadas na introdução deste artigo, passou-se ao planejamento da nova leva de atividades. O objetivo apresentado pela Contag era a capacitação dos jovens agricultores que iriam participar dos Encontros Regionais da Juventude, que aconteceriam no último trimestre de 2022. Organizados nas cinco regiões do

país, cada um dos encontros reuniria 11 jovens de cada estado, resultando em um público que variaria entre 33 pessoas (região Sul) e 99 pessoas (região Norte). A modalidade pretendida para a formação era presencial, com possibilidade de oficinas ao longo de dois dos três dias em cada um dos Encontros, numa carga horária estimada entre 6 e 8 horas. Pediu-se, ainda, um encontro prévio com a juventude, na modalidade virtual, para apresentar algumas linhas básicas da nova proposta de formação.

## 2.1 CONSTRUÇÃO CONJUNTA DA PROPOSTA

Equipes da ONG e do sindicato propuseram a construção conjunta da pauta das formações em contato, tanto quanto possível, com o público-alvo – os futuros discentes do projeto. A Contag, assim, disponibilizou o contato de um jovem agricultor de Rondônia, líder sindical já familiarizado com a produção de vídeos e tido pela entidade como um destaque regional. O pesquisador entrou em contato com o jovem agricultor para conhecer melhor sua história: formado em curso superior, sindicalista, atuava junto à família em uma pequena propriedade produtora de café. O jovem pesquisador havia gravado e publicado um pequeno vídeo nas redes sociais da Federação do estado para contar um pouco de sua trajetória.

O pesquisador elogiou a produção e sugeriu a seguinte proposta: trabalhar juntos em uma segunda versão do vídeo, que tivesse um foco mais específico em algum aspecto de interesse público na trajetória do agricultor. Após uma entrevista informal, o pesquisador apontou que um aspecto com atributos de noticiabilidade (Galtung; Ruge, 1993) seria o testemunho do jovem agricultor sobre o processo de sucessão rural em sua propriedade. Munido dos conhecimentos adquiridos no ensino superior, ele havia introduzido modificações tecnológicas – um novo sistema de irrigação – e conseguido acessar linhas de crédito para jovens produtores (o Pronaf Jovem).

O pesquisador perguntou, então, se poderia pensar em um roteiro para o novo vídeo. O recurso consagrado nas produções audiovisuais não fazia parte do

arsenal discursivo do jovem agricultor. O pesquisador apresentou um modelo de roteiro e, com a concordância do agricultor, uma sugestão de roteiro para a nova gravação. Ficou acordado de que o documento serviria apenas como uma guia para os temas que seriam abordados e as imagens que poderiam ser captadas e/ou servir como pano de fundo à produção. A comunicação popular, como se sabe, tem na informalidade e no imprevisto uma de suas marcas, e nesse ponto não haveria o desejado encontro de saberes se houvesse precedência do roteiro sobre essa forma tradicional de comunicação.

Guiado pelo roteiro, mas também subvertendo-o quando julgasse necessário, o jovem agricultor enviou a nova versão da gravação. O pesquisador, então, propôs realizar uma nova edição do material, incluindo dessa vez imagens de cobertura referentes aos temas mencionados oralmente pelo agricultor. Fotos dos sistemas de irrigação, da lavoura de café, da turma em que o agricultor havia se graduado foram enviadas ao pesquisador, que fez uma edição do tipo corte seco no celular, com o software Capcut.

## 2. 2 A PROPOSTA DE FORMAÇÃO

Com a autorização do jovem agricultor para o uso da primeira e da segunda versão do vídeo na formação, as equipes da Repórter Brasil e da Contag se reuniram novamente para validar a proposta de formação. Da reunião conjunta emergiram os seguintes tópicos:

- Apresentação dos saberes acadêmicos: julgou-se que os principais conceitos da profissão a serem trazidos para a formação seriam a noção de noticiabilidade, os elementos básicos de roteiro audiovisual e estratégias elementares de edição em softwares gratuitos disponíveis em celular (InShot e Capcut).

- A noticiabilidade serviria como guia para que os jovens agricultores pudessem se perguntar o que havia de mais relevante em suas vidas ou atuações sindicais, levando-os a estabelecer focos mais claros para os vídeos.
- O roteiro – mais precisamente um protótipo de roteiro, uma guia básica de texto e imagem – ajudaria a elencar, de antemão, os tópicos a serem abordados, buscando evitar a fuga do tema e vídeos excessivamente longos. Também deveria auxiliar na busca de imagens de cobertura para ilustrar pontos mencionados na fala, bem como conferir maior agilidade ao ritmo do produto final, evitando vídeos do tipo *talking head* (em tradução literal, “cabeça falante”), tipo de produção em que entrevistados se sucedem uns aos outros em comentários não ilustrados por imagens de ação.
- As estratégias elementares de edição selecionadas foram a montagem de *timelines* nos softwares disponíveis, a inserção de imagens de cobertura e, havendo tempo, a inclusão de GCs e trilhas nas produções audiovisuais.
- Apresentação dos saberes da comunicação popular: decidiu-se que as informações oriundas dos testemunhos da vida prática seriam o valor principal a ser preservado. Também argumentou-se a favor da oralidade nos vídeos curtos.
- As experiências práticas dos jovens agricultores, apesar de pouco valorizadas por eles, revestem-se de evidente valor jornalístico. Em suas comunidades, eles e elas são protagonistas de

inovações em suas propriedades e seus sindicatos locais – o que inclui, quando lhes é dada a oportunidade, o campo da comunicação digital.

- Para muitos dos jovens selecionados para as oficinas, o movimento sindical tem favorecido o desenvolvimento da oratória para falar em público e mesmo em vídeos. A capacidade de improviso na fala também é uma característica presente. Acordou-se de que deveria ser preservada.

## 2.3 O PROGRAMA EM AÇÃO

O passo seguinte foi a montagem da equipe. Para favorecer a identificação dos jovens agricultores com os instrutores do curso em uma perspectiva mais horizontal, optou-se pelo convite a dois jornalistas recém-formados, um com experiência em roteiro e outro com experiência em edição de vídeo. Ambos integraram, junto com o pesquisador, o time de instrutores dos dois primeiros encontros. Em outras duas ocasiões, outros dois profissionais – uma jovem jornalista e um jovem educador – passaram a compor a equipe, atuando em substituição aos formadores que não pudessem comparecer por motivos de agenda.

Como dito anteriormente, o programa de formação para a produção de vídeos curtos se iniciou com uma primeira oficina online, da qual participaram cerca de 40 jovens agricultores. Nela, o pesquisador exibiu uma breve apresentação dos três conceitos principais – a noção de noticiabilidade, os elementos básicos de roteiro audiovisual e estratégias elementares de edição – em uma apresentação em Google Docs. Em seguida, convidou o jovem agricultor de Rondônia, que havia produzido as duas versões do vídeo sobre sua propriedade, para participar da palestra e contar como havia sido o processo.

As avaliações do encontro online, realizadas informalmente com os alunos ao fim da apresentação e com a equipe da Contag dias depois, foram o

instrumento da participação dos discentes na construção da proposta que redundaria nas oficinas presenciais. Em linhas gerais, o grupo indicou que a estratégia do exemplo prático com a participação de seu autor foi acertada. Houve a percepção de que o encontro foi “menos teórico” do que formações anteriores, e que evidenciar o uso prático dos três tópicos de jornalismo profissional elencados na oficina ajudava a evidenciar sua utilidade e a incentivar sua utilização.

A apresentação do encontro virtual foi, então, adaptada com a transposição de alguns termos do jargão jornalístico para a linguagem mais corrente. Após esse processo, tornou-se a apresentação-base para as oficinas presenciais nos cinco Encontros Regionais da Juventude que viriam a seguir.

Nos Regionais, o tempo dedicado à oficina variou conforme os arranjos acordados com as organizações locais – o encontro incluía ainda diversas outras formações, da conjuntura política mais ampla às questões específicas do campo, das oficinas de oratória, de teatro e de confecção de materiais gráficos, das místicas (sensibilizações musicais ou teatrais para as atividades do dia) às festas de confraternização. Em algumas regiões, notadamente a Norte e a Nordeste, foi necessário realizar as oficinas concomitantemente, devido ao elevado número de participantes.

Em linhas gerais, a formação em vídeos curtos contou com grupos de entre 30 e 40 jovens agricultores. Em grupos de 4 a 6 pessoas, eles e elas embarcariam em dois turnos de trabalho, um em cada dia, para produzir um vídeo curto no estilo *stories* do Instagram construindo coletivamente todas as etapas do processo: definição de pauta e enfoque, roteiro, produção, gravação, edição e avaliação do material. Os discentes, assim, assumiram posição protagônica na concepção e elaboração das produções, ficando a equipe docente no papel de orientação e ideação para a resolução de eventuais dúvidas teóricas ou práticas.

A seguir, passa-se à descrição e análise dos resultados do “encontro de saberes” que teve lugar nos Festivais Regionais.

## 2.4 NOTICIABILIDADE NA PRÓPRIA VIDA

Uma característica importante, reforçada ao longo das cinco edições dos Festivais Regionais, foi a descoberta de que a vida de cada um ali presente poderia render um vídeo jornalístico. O segredo estaria em encontrar um recorte ou foco que iluminasse um aspecto ou episódio com algum grau de amplitude, apelo, empatia, ineditismo ou proximidade – utilizo, aqui, os atributos de noticiabilidade elencados pelo Manual da Redação da Folha de S. Paulo (Folha de S. Paulo, 2021, p. 68–71). Para a transposição didática, a definição de noticiabilidade foi sendo reformulada em prol da clareza a cada encontro. A versão final foi a seguinte: “na hora de pensar no assunto [pauta] de um vídeo sobre você ou sua comunidade, pense em algum acontecimento ou aspecto que fuja do comum [noticiabilidade]”.

Sugeria-se, a seguir, a discussão com o grupo para uma avaliação conjunta das ideias que se sustentavam ou não. Em alguns casos, os instrutores auxiliavam a “descobrir” a noticiabilidade em uma vida comum com uma pequena entrevista informal aos integrantes do grupo, cuja pauta se compunha de perguntas como estas: “em sua atividade sindical, o que é importante que outras pessoas saibam?”, “qual a conquista em sua propriedade que mais te orgulha?”, “se pudesse dar um conselho sobre um obstáculo que você superou no campo, qual seria?”. O conselho seguinte, relativo ao recorte do vídeo, era: “Agora, comece a planejar um vídeo curto sobre uma atividade importante, uma conquista, um conselho – nem dois, nem três, nem quatro. O foco controla a duração e permite profundidade.”

## 2.5 VALORIZAÇÃO DO SABER TÉCNICO DO GRUPO

“Não sabemos fazer vídeo” era frase recorrente no início da maioria dos cinco Festivais Regionais. A citação, porém, foi sendo desconstruída com o próprio desenrolar do processo. As “entrevistas informais” desvelaram inúmeras pautas para os vídeos; os “proto-roteiros”, esboçados em folhas de papel com uma

divisão simples entre colunas de texto e áudio, forneceu um caminho planejado para as gravações sem engessá-las; aos poucos, foram aparecendo nos grupos pessoas com boa oratória para estar em frente aos vídeos e integrantes com alguma familiaridade com a edição de vídeos no celular; estabeleceu-se uma rede de apoio de intercâmbio de conhecimentos técnicos que completou o breve período dedicado na apresentação inicial à edição.

## 2.6 USO DO HUMOR

Uma surpresa em alguns Festivais Regionais, notadamente o da região Sul, o recurso ao humor apareceu como contribuição autoral dos próprios jovens agricultores. Paródias, piadas e coletâneas de erros de gravação conferiram leveza às peças – relembro que a busca de uma produção menos sisuda era um dos objetivos da Contag com as formações. Também questionaram a pertinência de trabalhar com modelos jornalísticos fechados exclusivamente nos gêneros canônicos. Pareceu-nos que a fronteira fluida entre jornalismo e entretenimento pode fazer sentido para alguns desses comunicadores populares.

## 2.7 LEGITIMAÇÃO DE FORMATOS DO UNIVERSO DIGITAL

O trabalho ocasionou um questionamento em termos de formatos de vídeos considerados “legítimos” para a comunicação sindical. Questionados sobre o que gostavam de consumir em termos audiovisuais como internautas em mídias sociais, os jovens agricultores mencionaram memes, vídeos engraçados, formatos de curiosidades do tipo “você sabia?”, “5 coisas sobre” e produções testemunhais em primeira pessoa. Foram convidados a experimentar esses diferentes formatos na produção de vídeos e o resultado foi uma ampliação das possibilidades discursivas à disposição da comunicação sindical. Alguns exemplos ilustrativos foram o vídeo “narrado” por Galvão Bueno sobre a realidade do preço dos produtos do campo (com direito um roteiro com bordões do campo), as regravações de vídeos testemunhais de modo a compor um cenário mais intimista e com revelações mais “humanas” sobre a trajetória das lideranças, os já

citados erros de gravação e mesmo esquetes ficcionais para ilustrar alguma questão premente da realidade do campo.

## 2.8 LEGADO

A série de Encontros Regionais resultou na formação de uma “redação virtual” – um grupo de WhatsApp a princípio formado pelos participantes que, no entendimento dos instrutores e da equipe da Contag, demonstraram maior comprometimento nos festivais regionais. A seguir, passou a abarcar outros jovens comunicadores, chegando a um total de 52 integrantes reunidos em torno da preparação da comunicação para o Festival Nacional da Juventude. Adicionalmente, todos os vídeos gerados – cerca de 40, somando os cinco Festivais Regionais –, apresentações, documentos com as demandas da juventude e outros recursos ficaram disponíveis para todos os participantes em um *drive* virtual, constituindo-se em recurso de referência para a rede.

A culminância do processo se deu no 4º Festival Nacional da Juventude, promovido pela Contag entre os dias 12 e 15 de abril. O desafio de produzir vídeos curtos de um minuto mobilizou jovens que já haviam passado pelas oficinas anteriores e outros que tinham ali seu primeiro contato com a produção audiovisual. Alguns relataram que nunca tinham tido a oportunidade de manusear uma câmera ou de editar um vídeo antes, e se sentiram motivados a explorar essa linguagem para contar suas histórias e reivindicar seus direitos.

Entre os pontos de melhoria, tanto participantes quanto instrutores identificaram a necessidade de reforçar os critérios de noticiabilidade dos vídeos. O grupo concluiu que alguns dos trabalhos produzidos tinham potencial para se tornar notícias relevantes, mas faltou um olhar para selecionar as informações mais importantes e transformá-las em uma narrativa jornalística convencional ou de outra matriz.

Do ponto de vista da integração entre ensino e pesquisa, a experiência ora relatada serviu ao pesquisador como importante reflexão para a estruturação da curricularização da extensão em sua instituição-base, sobretudo por meio da criação da disciplina optativa “Educação midiática: projeto de extensão

universitária”<sup>2</sup>. Prevista para ter seu primeiro oferecimento no segundo semestre de 2024, a disciplina inspira-se fortemente na metodologia dialógica que permeou o trabalho com os jovens agricultores, atendendo à concepção de extensão universitária preconizada pela universidade (PRCEU-USP, 2023).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados aqui descritos e as reuniões de avaliação com as equipes da Repórter Brasil e da Contag sinalizam que a formação em vídeos curtos apresentou significativas diferenças em relação ao trabalho pregresso com a comunicação sindical do campo. Uma virada metodológica e epistemológica esteve no centro de uma transformação nos modos de produção e de apropriação da comunicação pelos jovens agricultores. A opção por uma integração entre teoria e prática com foco em significativos desafios reais – produções que, por fim, teriam seu uso social na divulgação em perfis de mídias digitais dos sindicatos, Federações e da própria Contag –, uma perspectiva decolonial de encontro de saberes eruditos e populares, assim como um processo educativo capaz de conferir protagonismo aos educandos e uma relação de maior horizontalidade com os instrutores parece ter gerado efeitos positivos, como a estruturação de uma rede que ultrapassa o caráter pontual das formações, o reconhecimento da validade e da potência da trajetória prévia dos educandos e, ainda, um senso de autoria ampliado para aqueles que participaram das atividades.

Do lado “de cá”, o do jornalismo de referência profissional, as provocações advindas da formação também questionam as possibilidades de outros caminhos para o jornalismo, com a construção de olhares mais múltiplos e de práticas plurais que possam, a um só tempo, fomentar a identificação do jornalismo com seu público, ampliar seu alcance, democratizar sua produção e ampliar seu impacto social.

---

<sup>2</sup> Ementa disponível em

<<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=CJE0677&verdis=1>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, M F. Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular? **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília: Unb, 2006. Disponível em

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/63557889706955819390718237293726753880.pdf>. Acesso em: 30 de março de 2023.

CONTAG. **Política Nacional de Comunicação da Contag**. Contag: Brasília, 2020.

Disponível em:

<https://ww2.contag.org.br/documentos/pdf/politicadecomunicacaonovo.pdf>.

Acesso em: 30 de março de 2023.

FOLHA DE S. PAULO (Ed.). **Manual da redação**: as normas de escrita e conduta do principal jornal do país. Folha de S. Paulo, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.

GALTUNG, J; RUGE, M. A estrutura do noticiário estrangeiro. In: TRAQUINA, N.

**Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1993, p. 61-73.

LIMA, Verônica M. A. Contribuições dos estudos decoloniais para pesquisa e prática do jornalismo. In: SARDINHA, Antonio; LIMA, Verônica M. A.; LARA, Eloina C.; BELMONTE, Valeria. (orgs.) **Decolonialidade, Comunicação e Cultura**. Macapá-AP: Editora UNIFAP, 2022. Disponível em:

<http://observatoriodh.com.br/wp-content/uploads/2022/08/decolonialidade-comunicacao-e-cultura.pdf>. Acesso em: 30 de março de 2023.

PRCEU-USP. **Regulamentação da Curricularização da Extensão na USP**. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária-USP, 2023. Disponível em:

[https://ww3.icb.usp.br/gra/wp-content/uploads/2023/11/Regulamentacao\\_da-Curricularizacao\\_da-Extensao\\_na\\_USP.pdf](https://ww3.icb.usp.br/gra/wp-content/uploads/2023/11/Regulamentacao_da-Curricularizacao_da-Extensao_na_USP.pdf). Acesso em: 23 de janeiro de 2024.